

DA DISTINÇÃO DE SENTIMENTO MORAL NO *TRATADO DA NATUREZA HUMANA*

Andreh Sabino Ribeiro

Universidade Federal de Minas Gerais
sabinoandreh@gmail.com

Resumo: Esse artigo oferece uma visão alternativa da distinção de sentimento moral, o conceito central da filosofia moral de David Hume. Ao invés de classificar o sentimento moral de acordo com a taxonomia das paixões, como as interpretações comuns tem feito, procuro defini-lo a partir de um exame do que é sentimento em geral para Hume no *Tratado*. A principal justificativa da minha abordagem de leitura é que sentimento, diferentemente de paixão, carrega o sentido de opinião ou julgamento no texto humeano. Defendo que no campo moral, o que torna o sentimento um novo tipo de *feeling*, mais refinado do que paixão, são as características de estabilidade e cultivabilidade.

Palavras-chave: Hume; Moral; Sentimento; Paixão.

Abstract: This paper offers an alternative view on the distinctiveness of moral sentiment, the central concept of moral philosophy of David Hume. Instead of classifying moral sentiment according to his taxonomy of the passions, as standard interpretations have done, I try to define moral sentiment through an examination of what sentiment is in general for Hume in the *Treatise*. The main justification of my reading approach is that sentiment, unlike passion, bears a meaning of opinion or judgment in Hume's text. I defend that in moral field, what make sentiment a new kind of feeling, more refined than passion, are the characteristics of stability and cultivability.

Keywords: Hume; Morality; Sentiment; Passion.

1. Introdução

O conceito central da teoria moral de Hume é sentimento moral (SM), porém a natureza dele é incerta. Assume-se comumente que SM é uma paixão, o que seria compreensível por causa da negação de Hume de que a moralidade se origina da razão. Consequentemente, muitos comentadores tentam classificar o SM de acordo com a taxonomia das paixões de Hume no *Tratado da Natureza Humana* (1739-1740). Entretanto, não há consenso entre os estudiosos sobre qual classe das paixões se aplica ao SM. Como penso, existe uma razão simples para essa dificuldade: SM não é uma paixão. Nesse texto, argumento que, para entender o SM na filosofia de Hume, precisamos compreender o que é sentimento para ele, ao invés de usarmos sua taxonomia das paixões.

Primeiro, farei uma rápida revisão da literatura sobre a classificação do SM, justificando a opção que tomo pela investigação do termo “sentimento” no *Tratado* como um recurso esclarecedor da questão. Segundo, mostrarei que embora sentimentos e paixões compartilhem algumas características (a saber, afetividade, reflexividade e sociabilidade), somente sentimentos desempenham um papel na produção de julgamentos. Terceiro, alegarei que apenas o sentimento progride de um tipo básico de sensibilidade para uma espécie refinada, que é estável e cultivável, adequada aos julgamentos moral e estético. Finalmente, em contraste com outras visões, sugerirei uma distinção mais plausível entre sentimento moral e paixão. Em última instância, como a moralidade envolve novos elementos – estabilidade e cultivabilidade – concluo que a taxonomia das paixões é insuficiente para definir o SM.

2. Revisão de literatura e justificativa de abordagem

Uma das mais antigas interpretações acerca do SM diz que ele é uma paixão direta, como defendido por Kemp Smith (1941, 167-8). O motivo principal seria porque, assim como a paixão direta, o SM surgiria da contemplação “direta” do seu objeto, que para o SM é o caráter. Um contra-argumento a essa ideia seria que o ser direto da paixão direta diz respeito à imediatez do contato com o objeto, sem nenhum intermédio de outrem, como no caso da alegria ou tristeza frente a um acontecimento tido como certo (T 2,1,1). Diferentemente, o SM depende do mecanismo da simpatia, um espelhamento de

estados mentais alheios, como condição prévia a seu surgimento. Outros comentadores, como Árdal (1966, 109-33), entendem que o SM é uma paixão indireta, como o orgulho e o amor, uma vez que o SM, tal como essa classe de paixão, se voltaria para indivíduos. Uma falha dessa tese está no detalhe de que na verdade o SM volta-se em direção ao caráter dos indivíduos e não a eles propriamente (T 3,1,1). Percebo que ambas as leituras enfatizam mais as semelhanças entre o SM e outros estados afetivos, mas deixam a desejar quanto à peculiaridade do SM.

Alguns intérpretes, porém, preferem ver o SM como uma “emoção calma”, um afeto apenas semelhante à paixão. Um problema dessa classificação encontra-se na afirmação de Hume que ela está “longe de ser exata” (T 2,1,1,3), podendo uma paixão violenta, como o amor, tornar-se calma, e uma paixão calma, como o SM e o senso estético, tornar-se violento. Ainda assim, uma gama de autores tem tentado identificar essa natureza calma do SM. Loeb (1995, 99-100) indica que a calma do SM depende da abdicação do avaliador de sua perspectiva particular em prol de um ponto de vista geral. Faltaria ainda a Loeb dizer o que significa ser calmo e violento, não dando conta do problema da questão da possibilidade do SM tornar-se violento. Immerwarh (1990, 294-5) e Fieser (1992, 7) propõem uma saída através da adoção de um duplo sentido de “calma” e “violenta”. Dizem eles que um sentido usado por Hume para esses termos seria adverbial, quando se quer expressar a intensidade de uma experiência momentânea. Outro sentido para as mesmas palavras seria adjetivo, que é o que tem a ver com a natureza propriamente da emoção. Carlson (2014, 91) também vê a natureza calma do SM ligada à sua origem procedente da contemplação desinteressada ou ponto de vista geral, o que lhe confere uma função avaliativa. Apesar de tentar encontrar a peculiaridade do SM frente às paixões, a propensão de considerar SM como uma “emoção calma” ainda tem oferecido muito pouco para uma compreensão clara do SM. Por isso, não estou convencido de que tomar a designação de emoção calma, que tem ainda a paixão como referência, explica suficientemente sobre a natureza do SM.

Sendo assim, proponho que ao invés de partir da taxonomia das paixões, devêssemos ler o SM à luz do termo “sentimento” (*sentiment*) propriamente. Não pretendo fazer uma teoria geral do sentimento aqui, algo que pudesse resolver todos os problemas da filosofia de Hume que se remetem a esse termo. Contudo, entendo que contrastar as ocorrências de “sentimento” ao longo do *Tratado* seria uma oportuna ferramenta para averiguar os elementos distintivos do sentimento quando da instância moral.

Justifica minha escolha metodológica o fato de que Hume usa consideravelmente o referido termo, até em comparação com outros autores chamados de “sentimentalistas” pelos comentadores. “*Sentiment*” surge em 32 parágrafos das *Characteristicks* [1711], coletânea da maioria das obras de Shaftesbury. O mesmo termo está presente em 38 parágrafos do *Inquiry* [1725] e em 24 parágrafos do *Essay* [1728], dois dos textos de Hutcheson mais relevantes à filosofia moral. Hume, por seu turno, menciona “*sentiment*” em 134 parágrafos apenas no *Tratado*. É igualmente considerável o fato de que Hume emprega muito mais esse termo no Livro 3 dessa obra, intitulado *Da Moral*, mencionando-o em 74 parágrafos, contra 31 no Livro 1 e 29 no Livro 2. Anima também minha perspectiva, a percepção de que Hume não usa expressões como “paixão moral”. Soma-se a isso, a notória ausência no Livro *Da Moral* da taxonomia das paixões, apresentada no Livro 2. Todos esses indícios nos levariam, no mínimo, a desconfiar que sentimento não é um mero sinônimo para paixão e a cogitar que sentimento tem um sentido caro para Hume, conveniente e especialmente aplicado a fenômenos morais.

3. Sentimento e Paixão nos Livros 1 e 2 do *Tratado*

De acordo com o *Oxford English Dictionary*, dentre muitas variações, um significado bastante comum de “*sentiment*” nos séculos XVII e XVIII é “*opinion*” ou “*judgment*”. Semelhantemente, o *Dictionary of the English Language* de Samuel Johnson registra somente “*opinion*” e “*judgment*” para a palavra “*sentiment*” até 1792. Hume tende a preservar essa noção usual, como se evidencia em várias passagens do *Tratado* quando “sentimento” e “opinião” são usados intercambiavelmente (ver T 1,4,3,9) ou em justaposição (ver T 2,1,11,1). Exatamente por isso, na tradução brasileira, Déborah Danowski verte “*sentiment*” para o português como “opinião” (ver T 1,2,2,3; 1,3,14,7; 1,4,1,5; 1,4,2,14; 1,4,7,5; 3,2,8,8), ou expressões correlatas, como “ideia” (T 1,3,14,26), “afirmação” (T 1,3,14,31), “posição” (T 1,4,2,50), “concepção” (T 1,4,3,9), “o que penso” (T 3,2,6,2). Já paixão nunca é identificada com opinião. Não obstante, Hume acrescenta novos atributos ao sentimento e o aproxima da paixão. Do mesmo modo como acontece entre sentimento e opinião, sentimento e paixão são ocasionalmente mencionados juntos (ver T 1,4,1,11), ou usados em lugar um do outro (ver T 1,4,2,37). Assim, Hume parece sugerir que sentimentos são opiniões afetivas.

Uma maior evidência da afetividade do sentimento está na última seção do Livro 1 do *Tratado* (T 1,4,7), quando Hume compara diferentes sistemas de opiniões. Ele diz que a filosofia que mantém dentro dos limites da experiência (chamada de “verdadeira filosofia”) é segura porque provoca “sentimentos amenos e moderados”, além de também ser agradável porque corresponde à vida comum. Em contraste, a filosofia feita de frias especulações (chamada de “falsa filosofia”) é ridícula porque suas opiniões são apenas extravagantes, mas tem “pouca ou nenhuma influência sobre nós”, uma vez que elas não são vívidas. Uma conclusão dessa explanação seria que uma opinião somente poderia ser persuasiva se atingir nossa sensibilidade, ou for um feeling¹. E sentimento parece ser exatamente esse tipo de opinião. No caso da “verdadeira filosofia”, esse feeling é seguro e agradável. Portanto, Hume usa “sentimento” para expressar uma opinião ou *juízo*, o que já fazia parte do sentido corriqueiro, porém adicionando um teor *afetivo* à palavra.

Sociabilidade e reflexividade são outras características compartilhadas entre sentimentos e paixões, como proeminentemente visto na seção *Do amor à fama* (T 2,1,11). Aqui Hume introduz o princípio da simpatia, a “qualidade mais notável” dos humanos, que consiste justamente na “comunicação de inclinações e sentimentos”. A simpatia começa com percepções de expressões físicas; quando então formamos ideias sobre o estado interno de uma outra pessoa e passamos a acreditar nelas. Tais ideias são construídas através da causalidade e então vivificadas ou transformadas em uma paixão ou sentimento, pela contiguidade ou semelhança a nós (T 2,1,11,7-14). Como esse movimento na mente é considerado uma espécie de espelhamento, paixões e sentimentos são *reflexivos* (T 2,2,8,2). Ao mesmo tempo, como a simpatia nos capacita ao acesso do estado mental alheio, fazendo com que os sentimentos dos outros impactem na formação dos nossos próprios sentimentos, a simpatia igualmente mostra um caráter *social* da paixão e do sentimento.

Resumindo, sentimentos e paixões são igualmente afetivos, sociais e reflexivos, embora somente sentimentos envolvam juízo. Essa sutil diferença entre sentimento e paixão pode ser conferida em poucas passagens onde algumas paixões são chamadas de sentimentos. Por exemplo, Hume menciona que belas roupas causam o

¹ Chamo atenção para o fato de que na língua portuguesa há apenas a palavra “sentimento” para traduzirmos os vocábulos “*feeling*” e “*sentiment*” da língua inglesa. *Feeling*, para Hume, diz respeito genericamente a qualquer tipo de sensibilidade, o que contrasta com o pensar (“*thinking*”), como atesta o filósofo logo no início da apresentação de seu sistema (T 1,1,1,1). *Sentiment* certamente corresponde a um *feeling* específico, ainda que não seja tão explícita qual sua especificidade, o que estou tentando encontrar através de suas ocorrências e do contraste com outro tipo de *feeling*, a paixão. Dessa maneira, obrigo-me a manter o termo “*feeling*” no original para destacar quando me refiro à sensibilidade em geral.

“sentimento do orgulho” em nós quando elas são nossas (T 2,3,9,4). Em outro trecho, ele diz que o “sentimento e a paixão” do orgulho são uma condição necessária para regular nossa ação de acordo com nossa posição social (T 3,3,2,11). O que se vê nessas situações não é que sentimento e paixão são sinônimos. Antes, como entendo, paixões são chamadas de sentimentos desde que elas sejam derivadas de um contexto que envolve opinião, o que se coaduna com a teoria das paixões de Hume. Paixões como o orgulho são classificadas por Hume como indiretas, o que quer dizer que dependem de três componentes: um sujeito, uma qualidade e um objeto (T 2,1,4). Exemplificando, podemos dizer que nossas roupas são o sujeito, que avaliado com a qualidade da beleza, causam orgulho em nós, o objeto dessa paixão. Nossas roupas, sem qualquer qualidade reconhecida pela *opinião* alheia, não poderiam nos causar orgulho. Isso porque o orgulho e as demais paixões indiretas dependem de algum reconhecimento social (ver T 2,1,6,6). Dessa maneira, sustento que esse é o motivo delas poderem ser chamadas de sentimento.

Mesmo embora as palavras “paixão” e “sentimento” carreguem diferentes significados, sentimento não parece se referir a um estado mental outro da paixão². Por conta disso, Schmitter (2013, 205-7) sugere que sentimento poderia apenas ser o *aspecto avaliativo* de uma paixão. Apesar de notar que tal solução funciona bem para a configuração do sentimento até o final do Livro 2 do *Tratado*, não estou convencido de que ela tenha o mesmo êxito no livro sobre a moral. A visão de Schmitter parece funcionar melhor quando o SM ainda não aparece em cena. Como mostrarei, a moralidade exige agregar mais características ao sentimento, o que acaba por gerar uma espécie nova de *feeling* em relação às paixões.

4. Sentimentos básicos e refinados

Na *Advertência* ao Livro 3, *Da moral*, Hume afirma que sentimentos são impressões, ou percepções mais fortes, assim como sensações e paixões, em contraste com as ideias. Uma vez que “sentimento” é uma palavra usada para expressar nossos julgamentos morais, e claramente Hume assegura que uma distinção moral é sentida, e não

² Para leitura contrastante sobre o sentimento em Hume e especialmente no *Tratado*, ler Rorty (1993, 171). Ela propõe que sentimento seja entendido como um estado mental intermediário entre paixão – por ser motivacional – e razão – por ser avaliativo. Particularmente, não me parece que sentimento esteja tão próximo da razão quanto está das paixões. Sentimento é claramente *feeling* e não pensar para Hume.

raciocinada (T 3,1,1,26), SM é avaliativo e afetivo. SM também é reflexivo porque ele surge de outras percepções, e social, porque depende dos estados mentais de outros. Assim, SM tem todas as características do sentimento encontradas nos Livros 1 e 2 do *Tratado*: avaliativo, afetivo, reflexivo e social. Entretanto, a configuração do SM é ainda muito mais complexa do que paixões e sentimentos como apresentados antes do Livro 3.

O primeiro indício de que SM não é uma paixão é que Hume não remonta à taxonomia das paixões, exposta no Livro 2, no Livro 3, ou sequer usa expressões como “paixão moral”. Em acréscimo a tais omissões, há uma razão bem mais convincente para SM não ser considerado uma paixão, mas consistir de um novo tipo de *feeling*. Estabilidade e cultivabilidade são dois novos traços do sentimento que aparecem tão somente no Livro 3 e tem a ver exclusivamente com a moralidade e a estética.

À medida que Hume insiste que um SM consiste em um “tipo peculiar” de prazer ou desprazer da contemplação de um caráter (T 3,1,2,3-4), nem todo sentimento é moral, mesmo aqueles dirigidos à ação humana. Assim, para a avaliação da ação de uma pessoa, há dois tipos de sentimentos. Um diz respeito ao “interesse privado” e o outro surge sob uma “consideração geral”. Esses tipos de sentimentos são substancialmente diferentes, embora possamos às vezes confundi-los. Um melhor entendimento das características distintivas do SM vem através da equiparação que Hume faz entre as sensibilidades moral e estética. Ele diz:

um homem dotado de serenidade e discernimento [*judgment*]³ pode se proteger dessas ilusões. Do mesmo modo, embora seja correto que a voz melodiosa é apenas uma voz que nos dá naturalmente um tipo *particular*⁴ de prazer, é difícil alguém se dar conta de que a voz de seu inimigo é agradável, ou admitir sua musicalidade. Mas uma pessoa de audição refinada e com autodomínio é capaz de separar esses sentimentos [*feelings*]⁵, e conferir elogios a quem os merece (T 3,1,2,4)

Declarações como essa sugerem que não há feeling mais próximo do SM do que o sentimento estético. Por essa razão, compreendo que esses dois feelings compõem uma categoria única de sentimento para Hume, que eu chamo de refinada. Por contraste, chamo de básico o sentimento que aparece nos Livros 1 e 2 e que, como sugere Schmitter, apenas denota o aspecto avaliativo de uma paixão.

³ Adição minha do original.

⁴ Ênfase de Hume.

⁵ Adição da tradutora do original.

Alguém poderia lembrar que Hume também distingue SM por sua semelhança com paixões como orgulho e amor, chamadas por ele mesmo de paixões indiretas. Alegar-se-ia por isso, que SM seria uma paixão indireta. Contudo, entendo que Hume apenas diz que SM e o aspecto avaliativo daquelas paixões tem algo em comum: elas dizem respeito a pessoas. De fato, essa comparação simplesmente demarca a diferença entre SM e os sentimentos básicos que surgem de objetos inanimados, e não de pessoas, tais como alegria e tristeza. Se esse critério – a semelhança entre SM e paixão indireta – fosse suficiente para considerar qualquer sentimento como moral, qualquer um por quem sentimos amor ou ódio seria então também considerado virtuoso ou vicioso. Porém, esse não é o caso porque os SM's são apresentados como uma possível causa de uma paixão indireta. Poderíamos amar alguém por muitos motivos e apenas um deles é moral (ver T 2,1,7). Além disso, Hume diz que poderíamos odiar nossos inimigos e ainda admitir que eles têm qualidades virtuosas (T 3,1,2). Portanto, embora relacionados e comparáveis, SM e paixões indiretas não correspondem ao mesmo tipo de feeling.

Então, o que faz o SM especial? Hume diz que ele depende de um “ponto de vista geral”, que significa uma consideração “sem a referência ao nosso interesse particular”. Em outras palavras, o ponto de vista geral partiria do interesse público. Essa questão é desenvolvida por Hume quando ele explica a origem da justiça e outros artificios para a manutenção da ordem social. Diz o filósofo que por causa de nossa tendência natural à parcialidade, combinada com recursos naturais escassos, os seres humanos passar a estabelecer regras de convivência. Em prol da vida comum, os humanos precisaram adotar um novo modo de julgar as ações uns dos outros que não fosse pela mera perspectiva privada (T 3,2,2,4).

Dessa maneira, Hume postula que desenvolvemos, através da experiência, um “senso geral de interesse comum”, um novo ponto de vista pelo qual avaliamos ações e caracteres. Pelo menos algumas vezes, o ponto de vista geral, ou a perspectiva para sentimentos refinados como o moral, pode assumir o do interesse público, como é o caso da aprovação da prática da justiça. Verdade que nem sempre poderíamos fazer uma identificação entre ponto de vista geral e interesse público. Há situações nas quais a referência do ponto de vista geral são as vantagens imediatas para os concernidos do agente, ou ainda as mediatas ou imediatas para o agente mesmo (T 3,3,1,27-31). Ainda assim, em todos os casos o interesse do próprio avaliador não é o que conta para um sentimento refinado como o moral. Só uma sensibilidade mais sutil do que a das paixões para se agradar e desagradar para além do círculo de seus próprios interesses.

Mesmo para aquelas ações que seu motivo original é o interesse próprio, como a justiça, “a simpatia com o interesse público é a fonte da sua aprovação moral”. E esse tipo de interesse “tem força suficiente para influenciar nosso gosto, e nos dá os sentimentos de aprovação ou condenação”. A passagem para o primeiro tipo de avaliação, restrita aos interesses privados, para aquele alicerçado no ponto de vista geral, que no caso da justiça é o do interesse público, Hume chama de “progresso dos sentimentos” (T 3,2,2,10.24-25), o que demonstra um movimento de superação de um tipo de feeling mais básico. Uma vez nos tornando sensíveis a esse novo ponto de vista, somos capazes a fazer julgamentos estáveis sobre o caráter uns dos outros. Consequentemente, tais novos sentimentos podem ser cultivados, embora não criados, por artifícios, tais como a política e a educação.

Estabilidade e cultivabilidade são características de um tipo de sentimento que surge apenas no T 3 e que se limita à moralidade e à estética. Esse seria o motivo mais decisivo para se considerar o SM como distinto da paixão, que mesmo podendo ter um aspecto avaliativo enquanto sentimento básico, é suscetível ao interesse próprio. Existe nisso um progresso dos sentimentos, o que representa uma mudança no modo como avaliamos ações. Nossa habilidade de fazer avaliações desenvolve-se para feelings mais elaborados, que respondem e nos motivam em um contexto social maior e mais amplo do que aquele restrito somente a poucos indivíduos. Agora, à luz dessas considerações sobre os sentimentos em geral e em contraste com outras interpretações, irei redefinir a distinção entre SM e paixão.

5. Redefinindo Sentimento, Paixão e Sentimento Moral

Em parte, minha visão do sentimento aproxima-se da de Schmitter. Admito, como ela nota, que Hume não define o que é o sentimento e não o inclui na taxonomia das paixões. Mas sua sugestão de que sentimento apenas significa a função avaliativa de uma paixão não seria adequada para explicar a especificidade do SM. Mais provavelmente, a interpretação da comentadora corresponde somente ao que chamo de sentimento básico, como denotado pelas ocorrências de “sentimento” nos Livros 1 e 2. O problema é que o uso que Hume faz do termo nos dois primeiros livros do Tratado não captura completamente o que o SM é. As características típicas do SM emergem somente no Livro 3 graças ao fenômeno que Hume chama de “progresso dos sentimentos”, algo não incluído na análise de Schmitter. Consequentemente, ela não

indica a estabilidade como uma característica do SM e apenas considera que a habilidade de cultivar sentimentos é explorada em textos posteriores ao Tratado (SCHMITTER, 2013, 205-7).

Como defendo, a constituição do SM é mais complexa do que os elementos do sentimento básico, aquele que serve apenas como indicação do aspecto avaliativo de uma paixão. Em contraste, no campo moral, um progresso dos sentimentos resulta na superação dos sentimentos básicos lidados nos Livros 1 e 2. A moralidade, assim como a estética, expressa um desenvolvimento mais elevado da nossa capacidade de sentir, de julgar e sermos motivados por nossos feelings. Diferentemente da visão de Schmitter, afirmo que o Tratado já reconhece que pelo menos alguns sentimentos podem ser cultivados, mas isso se dá exclusivamente no Livro 3 porque essa é uma característica apenas de sentimentos refinados, como o SM, uma vez que eles são igualmente estáveis. Por esse motivo, SM deveria contar como uma classe especial de feeling, uma que surge quando adotamos a perspectiva a partir do interesse alheio como nova referência para avaliar as ações uns dos outros.

A maioria das leituras sobre o SM falham porque elas supõem que o sentimento em geral representa uma categoria de paixão. Realmente a designação de paixão mesma é complicada no Tratado. No começo do Livro 2, “paixão” refere-se às “emoções violentas”, o tema daquele livro inteiro. Porém, essa definição é estreita e nem sempre mantida por Hume ao longo da obra. Algumas vezes, ele também chama por paixão qualquer tipo de emoção (ver T 2,3,4,1). Como consequência, até SM poderia ser chamado de “paixão” nesse sentido vago e genérico, o que não ajuda no esclarecimento da peculiaridade desse feeling. Estritamente falando, uma paixão se refere somente ao domínio privado, o círculo estreito dos interesses próprios e dos interesses daqueles próximos ao avaliador, o motivo desse feeling ser instável. Mesmo assim, a paixão pode ser chamada de sentimento, contanto que esteja associada a uma opinião ou avaliação de algo, como inclusive o caráter. Quando assumimos uma perspectiva privada para julgar alguém, temos apenas sentimentos básicos. Todavia, quando avaliamos ações de acordo com a perspectiva do interesse público, nossos sentimentos são muito sofisticados para ser classificados como paixões de acordo com a teoria de Hume.

Como dito na primeira seção, alguns intérpretes evitam chamar SM de paixão e tentam designar o SM como uma “emoção calma”, em distinção das emoções violentas, como o amor e o orgulho. Defendem eles que às vezes ambos os termos denotam o tipo da emoção específica (o “sentido adjetivo”). Outras vezes as mesmas palavras indicam

simplesmente o modo da experiência de qualquer emoção (o “sentido adverbial”). Em decorrência, seja do tipo calmo seja do violento, qualquer emoção poderia ser sentida temporariamente mais ou menos intensamente, a depender da situação e da disposição do indivíduo. Um problema dessa proposta é que mesmo embora a intensidade demarque a distinção entre emoções calmas e violentas no sentido adverbial, não há indicação nítida para a origem da distinção entre calma e violenta no sentido adjetivo. Assim, dizer que SM é simplesmente calmo não somente explica pouco sobre sua natureza, como também não ressalta sua peculiaridade. Muito provavelmente esse sentido adjetivo de calma e violenta tenha a ver, respectivamente, com o que tenho explicado sobre a estabilidade dos sentimentos refinados e a instabilidade dos sentimentos básicos. Entretanto, esse esclarecimento só seria viável se assumirmos outras designações, para além da taxonomia das paixões, descobertas apenas no Livro 3.

6. Conclusão

Argumentei que a teoria do SM de Hume no *Tratado* deveria ser melhor entendida à luz do termo “sentimento” e não por sua taxonomia das paixões, uma vez que i) “sentimento” e “paixão” não são sinônimos e ii) o tipo específico de sentimento que SM representa surge de uma perspectiva diferente daquela das paixões. Essa maneira alternativa de tipificar o SM enfatiza sua distinção em comparação com outros *feelings* e evita visões convencionais imprecisas. Sentimento em geral parece já ser nas mãos de Hume uma noção refinada de nossa sensibilidade, que ele fez uso para explicar vários fenômenos, pois o termo “paixão” sozinho poderia não dar conta. E SM especificamente vem a compor uma categoria mais refinada ainda de um *feeling* que decorre de uma mudança da nossa perspectiva de contemplarmos fenômenos, seja de beleza externa (no caso da estética), seja de beleza interna (no caso da moral).

Referências

- ÁRDAL, P.. *Passion and Value in Hume's Treatise*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1966
- CARLSON, A.. "The moral sentiments in Hume's *Treatise*: a classificatory problem." *Hume Studies*, 40 (1), 2014. pp. 73-94.
- FIESER, J.. "Hume's classification of the passions and its precursors." *Hume Studies*, 18 (1), 1992. pp. 1-17.
- HUME, D.. *A Treatise of Human Nature*. D. F. Norton e M. J. Norton (orgs.). Oxford: Oxford Philosophical Press, 2000.
- _____. *Tratado da Natureza Humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. Trad. Déborah Danowski, 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- HUTCHESON, F.. *An Essay on the Nature and Conduct of the Passions and Affections, with Illustrations on the Moral Sense*. A. Garret (ed.). Indianapolis: Liberty Fund, 2002
- _____. 2004. *An Inquiry into the Original of Our Ideas of Beauty and Virtue*. W. Leidhold. (ed.). Indianapolis: Liberty Fund.
- IMMERWARH, J.. "Hume on tranquillizing the passions." In: TWEYMAN, S. (Ed.). *David Hume: critical assessments*, v. 4. Londres: Routledge, 1995. pp. 332- 351.
- JOHNSON, S.. *Dictionary of the English Language*. 10a edição. Londres: J. & P. Knapton, 1792.
- KEMP SMITH, N.. *The Philosophy of David Hume: a critical study of its origins and central doctrines*. New York: Palgrave MacMillan, 1941.
- LOEB, L.. "Hume's moral sentiments and the structure of the *Treatise*." In: TWEYMAN, Stanley (ed.). *David Hume: critical assessments*, v. 4. Londres: Routledge, 1995. pp. 99-109.
- Oxford English Dictionary*. verbete "sentiment". OED Online. Acessado em 18 de dezembro de 2016.
- RORTY, A.. "From passions to sentiments: the structure of Hume's 'Treatise'". *History of Philosophy Quarterly*, 10 (2), 1993. pp. 165-179.
- SCHMITTER, A.. Passions, affections, and sentiments. In: HARRIS, J. (ed.). *The Oxford Handbook of British Philosophy in the Eighteenth Century*. Oxford: Oxford University Press, 2013. pp. 198-226.
- SHAFTESBURY. *Characteristicks of Men, Manners, Opinions, Times*. 3 volumes. Indianapolis: Liberty Fund, 2001.